

O conflito jornalístico na construção identitária de Juazeiro, CE: uma análise dos jornais *Correio do Cariry* e *O Rebate*

Cícero Dantas de Queiroz

Edgard Patrício

Resumo

O O artigo analisa como os jornais Correio do Cariry (1904-1912) e O Rebate (1909-1911) trataram o fenômeno do padre Cícero e o processo de formação do território de Juazeiro do Norte, no Ceará. A partir da análise de artigos veiculados entre 1909 e 1911, refletimos como o discurso jornalístico contribuiu no processo de constituição de novas representatividades e identidades do antigo povoado de Juazeiro, no período em que se buscou sua independência política da cidade do Crato.

Abstract

This article analyses how the newspapers Correio do Cariry (1904 - 1912) and O Rebate (1909 - 1911) dealt with the phenomenon of Father Cícero and the process of formation of the territory of Juazeiro do Norte, in Ceará. From the analysis of articles published between 1909 and 1911, we explore how the journalistic discourse contributed to the process of constituting new representations and identities of the old village of Juazeiro, throughout the period of its political independence from the city of Crato.

Este estudo tem como objetivo recuperar uma história singular entre as cidades de Crato e Juazeiro do Norte: o debate em torno da emancipação política do distrito de Juazeiro, a partir de uma fonte que sobreviveu ao tempo, o jornal impresso. Trata-se de uma análise que parte dos processos midiáticos do início do século XX, a fim de observar a presença e atuação dos jornais *Correio do Cariry* e *O Rebate* na construção dos acontecimentos.

Em 04 de setembro de 1910 era publicada a 59ª edição do jornal *O Rebate*, uma das edições mais singulares daquele que é considerado o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte. O periódico divulgou uma carta aberta assinada pelo “o povo” juazeirense comunicando sua emancipação política da cidade do Crato. Aquele manifesto foi consequência de mais uma negativa¹ do coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, intendente do Crato, ao pedido de autonomia dos juazeirenses. Cansada dos “mandos e desmandos” do oligarca, a população, juntamente com os redatores de *O Rebate*, organizou um protesto pelas ruas do povoado e declarou a independência, não-oficial, de Juazeiro em 30 de agosto de 1910.

Sim! O povo de Joaseiro acaba de proclamar a sua autonomia declarando-se independente do município do Crato, não se sujeitando de hoje em diante a desorientação política d’um irrefletido que, não satisfeito com ter abusado de sua índole altamente pacífica e ordeira, martysando-o tanto, procurava a todos o transe arrastal-o às vilanias da degradação e da miséria a mais baixa, a mais vil, a mais abjecta, a mais abominável (Ao público. 04 set. 1910, p.2).

Anos antes, o pequeno distrito de Juazeiro presenciou um fato que mudaria para sempre a história do pacato povoado. Na primeira sexta-feira da Quaresma, 1º de março de 1889, após uma madrugada de orações e penitências, padre Cícero Romão Batista encerrou a vigília ministrando a comunhão da sagrada Eucaristia às pessoas que lá estavam. Uma delas era a beata Maria de Araújo² que, ao receber a comunhão, “caiu por terra e a Imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas-feiras e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses” (Della Cava, 1976, p. 45).

¹ Antônio Luiz negou por duas vezes a proposta de emancipação do povoado de Juazeiro: a primeira em 1909 e a segunda em 1910. Em ambas as ocasiões, o coronel cratense não apresentou o projeto para a Assembleia Legislativa do Ceará, o que impossibilitou a mesma de ir à votação.

² Maria de Araújo nasceu em 24 de março de 1862. Era costureira por profissão e, segundo ela, beata por inspiração divina, já que desde os oito anos ao fazer sua primeira comunhão se consagrou como “verdadeira esposa de Cristo” (Nobre, 2011).

Após os fatos extraordinários, conhecidos popularmente como “o milagre da hóstia”, Juazeiro foi alvo de rápida expansão demográfica,³ fato que influenciou positivamente a economia⁴ local. Os novos moradores passaram a trabalhar no campo, nos engenhos e nas indústrias artesanais. A pequena vila estava ganhando vida própria e os juazeirenses começaram a acalentar a ideia de independência. Do outro lado, a cidade do Crato, considerada o maior centro econômico e populacional do Vale do Cariri e do interior do Ceará à época, sentiu sua hegemonia ameaçada e se opôs à emancipação de Juazeiro. A cidade não queria perder a grande fonte de impostos proveniente de seu distrito mais próspero.

O sangramento da hóstia está no cerne da formulação do que chamamos de história oficial de Juazeiro, fundada oficialmente em 22 de julho de 1911. No entanto, é necessário ressaltar que em nosso trabalho “Juazeiro do Norte” ainda não existe. Em seu lugar, havia um povoado que possuía pouco mais de 25 mil habitantes⁵ em 1910 e se encontrava dentro dos limites e, portanto, sob jurisdição civil e religiosa da cidade do Crato, distante 580 km da capital cearense, Fortaleza. É a partir da transubstanciação da eucaristia que, segundo Della Cava (1976), tem início a rivalidade entre o povoado de Juazeiro e a cidade do Crato. Naquele período, o Crato pretendia constituir-se como o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri. Elaborado pelos intelectuais da cidade, o projeto era pautado nos ideais de civilização, ordem e higienização dos espaços e dos corpos. Tinha como objetivo maior reivindicar a criação da Província do Cariri (Cortez, 2000).

Contudo, os comportamentos percebidos no povoado de Juazeiro foram considerados discrepantes em relação àqueles propugnados como modelos ideais pelo projeto civilizador. A detração das condutas dos romeiros/juazeirenses e o terror que se apossou do imaginário dos cratenses se desdobrou em acontecimentos de ordem política, dando início a uma rivalidade entre Crato e Juazeiro que se fortaleceria na medida em que este último sobrepunha-se economicamente ao Crato. O fenômeno extraordinário gerou muitas controvérsias entre as autoridades políticas e religiosas do Crato. Os clérigos da cidade renegaram veementemente o fenômeno e os comportamentos presenciados no distrito vizinho, rotulando-os como seita cancerosa política e religiosa. Para não ter sua imagem veiculada aos chamados “fanáticos”, termo utilizado pelos cratenses para se referirem aos devotos do padre Cícero, passaram a erguer uma imagem de cidade civilizada

³ Entre 1890 e 1898, a população de Juazeiro mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; e, em 1909, chegou a 15 mil (Della Cava, 1976).

⁴ Juazeiro lucrou com a chegada dos romeiros do padre Cícero, adquirindo quase sua independência econômica apenas com as plantações agrícolas (Oliveira, 2001).

⁵ A informação foi retirada do artigo Justa defesa. In: **O Rebate**, Juazeiro, 29 de agosto de 1909, p.3.

e de cultura letrada (Cortez, 2000). Por sua vez, os habitantes de Juazeiro passaram a boicotar os padres e as missões evangélicas do Crato, o que provocou uma verdadeira rixa entre os fiéis do padre Cícero e a Igreja Católica oficial cratense. Fato, esse, que gerou uma ameaça de revolta camponesa no Vale do Cariri (Della Cava, 1976).

A velha animosidade entre os dois povos, iniciada em 1889, ressurgiu com mais força em 1909, quando o povoado de Juazeiro oficializou seu pedido de emancipação política. O conflito, pautado pelo pedido de independência, ganhou os jornais impressos das duas localidades. *O Rebate*, primeiro periódico de Juazeiro, fundado em julho de 1909 pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto, se firmou como importante instrumento na empreitada juazeirense. O *Correio do Cariry*, jornal do Partido Republicano Cratense (PRC), fundado por Antônio Luiz Alves Pequeno em setembro de 1904, defendeu os anseios das autoridades locais. O embate entre os dois povos não envolveria armas e exércitos, mas sim ideias, formas, imagens e representações.

Por trás dos discursos: uma construção identitária

Os produtos jornalísticos constituem material profícuo para a interpretação da vida social de uma época, fornecendo mapas das crenças e dos consensos constituídos historicamente (Hall, 1999, p.226). Consideramos o jornal como um espaço privilegiado para a construção de sentidos, de identidades e de representações sociais capazes de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas. Na era moderna, os meios de comunicação de massa deram nova dimensão ao fluxo discursivo, o que contribuiu para a ampliação e aceleração das trocas simbólicas por meio de diferentes canais e linguagens. “Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros, como em um jogo ou uma batalha” (Strelow, 2010, p.211). A forma escolhida para se dizer algo pode contribuir tanto para a popularização quanto para a rejeição de uma temática, ou até mesmo do próprio órgão jornalístico. Ao optar por enfatizar um ponto ou omitir outro, põem-se em prática certas estratégias⁶ que colaboram para atrair e/ou persuadir a interpretação de determinada leitura.

Os discursos dos meios de comunicação de massa, a partir da articulação de outros discursos presentes na sociedade, reconfiguram o espaço social atribuindo valores e criando sentidos que organizam as relações de poder presentes na sociedade (Simonetti Jr., 2000). Conforme McCombs e Shaw (*apud.* Traquina, 2001, p.14), a capacidade da mídia em

⁶ Por estratégias, estão sendo consideradas as diferentes formas de “dizer” os acontecimentos e as opiniões dos periódicos em análise.

influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu papel relevante na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado a partir dos *mass média*.

O debate em torno da questão política de Juazeiro incidiu sobre a busca e/ou afirmação de uma identidade local. Em meio aos discursos jornalísticos que polemizaram a discussão, a referência a um sentimento de pertencimento ao Crato ou ao Juazeiro reuniu características e defesas aos interesses dos grupos durante o embate político. Nesse âmbito, buscamos compreender e desvendar como essas identidades foram produzidas/inventadas e ativadas/reivindicadas, por esses veículos de comunicação.⁷ Entendemos as reivindicações de identidade como nominativas e normativas, em um dado momento, que é preliminar e passageiro. As identidades não são produções historicamente progressivas com os mesmos conteúdos; mudam seus discursos através do tempo e no espaço de acordo com a situação e interesse. Portanto, “as formas de identidade social devem ser capazes de surgir dentro-e-come a diferença de um-outro e fazer do direito de significar um ato de tradução cultural” (Bhabha, 1998, p.322).

A identidade, tal como a diferença, também é uma relação social. Isso significa que sua definição, discursiva e linguística, está sujeita a vetores de força e relações de poder. Ou seja, eles não são definidos, mas, sim, impostos. O processo de produção da identidade oscila entre dois momentos: de um lado, aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-los e desestabilizá-los (Silva, 2007). Caso, este, que vai ao encontro do embate presenciado nos jornais impressos de Crato e Juazeiro. Enquanto *O Rebate* buscou fixar uma nova representatividade do povoado de Juazeiro, focado na pujança econômica, o *Correio do Cariry* buscou desestabilizar o povoado

⁷ De acordo com Stuart Hall (2007), as discussões sobre a questão da identidade são complexas. O próprio conceito tem sido submetido a severas críticas, por suas ambiguidades teóricas e políticas. Para o autor, só é possível estudar sobre a temática a partir de uma rasura. “A identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (Hall, 2007, p.104). Portanto, a identidade não pode ser entendida como relacionada apenas ao Estado-Nação, pois esta relação é muito restrita ao potencial de compreensão nos estudos culturais e políticos. Segundo Woodward (2007), as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. No caso estudado, a ação principal que dividiu as duas localidades foi o simbolismo religioso arraigado em Juazeiro e renegado pela alta sociedade cratense. Foi a partir dessa diferença cultural que se constituíram as representações imagéticas das duas localidades, aplicando um “princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles” (Woodward, 2007, p.40). Para Bhabha (1998), as identidades são fixadas, parcialmente, por meio da diferença, em um processo deslizante de significados e posições de sujeito. Nesse caso, a identidade é um processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade. Por meio das condições discursivas, essa imagem é construída como representação, sendo a marca de uma diferença, mas também lugar de uma ambivalência, uma vez que sua representação é “especialmente fendida – ela torna presente algo que está ausente – e temporalmente adiada: é a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição” (Bhabha, 1998, p.85).

rememorando a imagem negativa construída após os fenômenos religiosos, outrora conhecido como terra de retirantes fanáticos.

Entre Rebates: o jornalismo na mediação conflituosa pela independência de Juazeiro

O embate entre jornais impressos foi comum desde o Brasil Império, quando o caráter doutrinário vigorou na imprensa brasileira. No período, os impressos foram utilizados como armas de seus redatores, “os jornais não noticiavam: produziam acontecimentos [e] abrigou um debate de características democráticas, porém sem regras definidas” (Lustosa, 2000, p.16). Para Ribeiro (2007), a linguagem utilizada no período, em geral, era extremamente agressiva e virulenta, constituindo uma verdadeira artilharia verbal marcada pela paixão dos debates e polêmicas, por eles, travados. De acordo com Lustosa (2000), três circunstâncias daquele período contribuíram para disseminação dos insultos nas folhas impressas: a instabilidade e indefinição política que o país vivia, sem lei e sem rei (Dom João VI retornou a Portugal em abril de 1821); a democratização do prelo, trazendo para a forma impressa elementos da oralidade no que tinha de mais popular e coloquial; e, por fim, sem hábitos de vida pública, a elite brasileira, ao inserir-se nos debates políticos impressos, levam consigo, também, as atitudes da sua vida privada.

Mais de cem anos depois de instaurada a imprensa no Brasil, os jornais continuaram sendo utilizados como munição de batalhas políticas. Na primeira década do século XX, a atividade da imprensa no Cariri cearense foi caracterizada pelo compromisso partidário. De acordo com Nobre (2006), os jornais eram usados para comunicar aos adeptos de uma determinada agremiação política o pensamento dos seus respectivos dirigente. Em contrapartida, escandalizavam-se os erros e as perseguições, reais ou presumidos, dos seus adversários. Contexto em que se enquadram as redações do *Correio do Cariry* e *O Rebate*.

O Rebate inaugurou a imprensa no povoado de Juazeiro, tornando-se um dos protagonistas da luta pela independência política da pequena vila. O distrito se rebelou contra a cidade sede e utilizou da imprensa para difundir os anseios de um grupo que tentava proclamar a independência local. Desse modo, o padre Joaquim de Alencar Peixoto e o médico Floro Bartolomeu da Costa, redatores do *Rebate*, responderam as represálias provindas da cidade cratense e articularam ações para fortalecer a representação de um Juazeiro autônomo. Na defesa dos interesses da manutenção do Juazeiro como distrito do Crato ficaram os articulistas do *Correio do Cariry*, o jornalista e farmacêutico José Alves de Figueiredo e o juiz Raul de Sousa de Carvalho, e o chefe cratense Antônio Luiz Alves Pequeno.

O grito de independência de Juazeiro

O marco zero da campanha pela emancipação de Juazeiro, do ponto de vista cronológico, é o dia 18 de agosto de 1907. Foi nessa data em que se realizou oficialmente a primeira reunião política para tratar especialmente do assunto. Convocada pelo major João Bezerra de Menezes, fazendeiro e descendente da família fundadora de Juazeiro, o evento redundou ao fracasso pois não obteve consentimento do padre Cícero. O sacerdote, até então, buscou não contrariar o coronel Antônio Luiz, que havia sido signatário de uma petição ao bispo de Fortaleza Dom Joaquim pedindo a sua reintegração⁸ ao clero.

A população, embora desejosa de ver o povoado livre, estava dividida devido a divergências ideológicas, o que culminou na formação de dois grupos hostis: os filhos da terra ou naturais, nascidos em Juazeiro; e os adventícios, romeiros que ali fixaram moradia. Os “adventícios”, maioria da população, não aderiram à campanha por sentirem-se discriminados pelos “filhos da terra”, que os chamavam de fanáticos, rabos-de-burro e romeiros,⁹ termo, até então, considerado pejorativo. Em contrapartida, os forasteiros rotulavam os naturais de cacaritos ou simplesmente nativos.

A ausência do padre Cícero contribuiu para a não adesão dos “adventícios” à causa, pois o major representava os ricos fazendeiros do povoado, que eram, em sua maioria, aliados das elites regionais e principalmente da hierarquia da Igreja (Dantas, 2011). Além disso, a reunião não teve grande repercussão, já que, somente em 18 de julho de 1909, dois anos depois, surgiu um fator decisivo para dar continuidade à luta pela emancipação de Juazeiro, a fundação do jornal *O Rebate*. Durante o período de dois anos (1907-1909) não há registro de nenhum ato importante, como reunião, passeata ou concentração pública em prol da independência local.

A chegada do padre cratense Joaquim de Alencar Peixoto, em 1907, e do médico baiano Floro Bartolomeu da Costa, em 1908, iriam modificar o pensamento de dependência em relação ao Crato. Juntos, o padre e o médico, uniriam os dois Juazeiros e passariam a advogar junto ao padre Cícero a necessidade do movimento pela emancipação a partir de

⁸ Padre Cícero foi punido pelo bispo Dom Joaquim em agosto de 1892 após o resultado do II inquérito (processo episcopal instaurado em 1891, cujo objetivo foi investigar a veracidade ou não do Milagre da hóstia). Cícero foi suspenso das atividades da Igreja católica por propagar pretensos milagres e expor ao ridículo a fé católica, além de contribuir para o furto dos panos ensanguentados da matriz do Crato. Desde aquela data, o sacerdote não poderia pregar, confessar ou conceder qualquer um dos sacramentos da Igreja aos fiéis (Della Cava, 1976).

⁹ Na época, “romeiro” era considerado um termo pejorativo, associado ao mais puro fanatismo, à ignorância, à pobreza e à falta de higiene.

1909. Cícero daria seu primeiro passo rumo à política e Juazeiro passaria a ser um só, englobando romeiros e nativos.

De acordo com Della Cava (1976), a política de neutralidade do padre Cícero chegou ao fim no final de 1907, ao receber informações de que Roma estaria planejando instalar um novo bispado no interior do Ceará. Em 1908, havia fortes indícios que a escolha provável da sede da nova diocese recairia sobre o Crato, de onde emanavam, desde 1892, censuras e sanções eclesiais contra Juazeiro. Um bispado no Crato poderia vir a destruir as esperanças do padre Cícero de reintegração ao sacerdócio, a menos que a nova Sé fosse instalada em Juazeiro. A partir de então, Cícero Romão Batista integrou o movimento emancipacionista, objetivando erigir Juazeiro em Sé episcopal.¹⁰

O pedido de autonomia de Juazeiro em relação ao Crato desencadeou uma feroz rivalidade entre os dois povos. Um dos episódios que fomentou a discórdia entre as duas populações foi o discurso realizado pelo padre Antônio Tabosa Braga, durante a visita pastoral¹¹ diocesana à cidade do Crato, em agosto de 1909. No evento, o sacerdote proferiu a seguinte homilia:¹² “Povo nobre e altivo do Crato, peço permissão para falar sobre o povo imundo do Joazeiro que vive guiado por satanás” (Della Cava, 1976, p.168). O discurso provocou a divisão entre as localidades. Os juazeirenses que trabalhavam no Crato abandonaram seus postos e passaram a boicotar a feira da cidade, que entrou em crise sem seus principais compradores. Em contrapartida, os cratenses apontaram o padre Cícero como o responsável por incentivar o boicote ao comércio local e de manipular a fé e a ingenuidade do povo. A relação estremecida entre Crato e Juazeiro agravou-se com a negativa do coronel Antônio Luiz à proposta de emancipação de Juazeiro na Assembleia Legislativa do Ceará, também em agosto daquele ano. A decisão do coronel revoltou os juazeirenses e os redatores de *O Rebate* ingressaram de vez na campanha pela autonomia político-administrativa do distrito.

Um ano depois, Antônio Luiz voltou a negar o pedido de emancipação do povoado. Em 30 de agosto de 1910, após receberem a confirmação da negativa da Assembleia Estadual, os juazeirenses foram às ruas atraídos pela divulgação de um pequeno boletim

¹⁰ Apesar dos esforços do padre Cícero tornar Juazeiro a nova Diocese cearense, a mesma acabou ficando com o Crato. Em 20 de outubro de 1914 por intercessão da Nunciatura no Brasil, o papa Bento XV assinou o documento que autorizava a fundação da Diocese do Crato (Della Cava, 1976).

¹¹ As Visitas Pastorais empreendidas pelos bispos diocesanos, em suas dioceses, funcionavam como um instrumento fundamental de controle, provocando, sobretudo, medo nos padres e sacerdotes que seriam visitados, pois estariam sob o olhar direto, julgador e culpabilizador do seu superior (Nobre, 2011).

¹² Para Della Cava (1976, p. 168), o discurso do padre Tabosa foi a declaração de guerra da hierarquia católica do estado ao “Satanás de Joazeiro” (provavelmente referindo-se ao padre Cícero), com a intensão de derrotá-lo no projeto de bispado do Cariri.

impresso pelo *O Rebate* (Figura 1). Juazeiro havia declarado sua independência política mesmo sem o aval dos poderes estadual e municipal. A partir daquela data, o povoado não reconheceu mais o coronel Antônio Luiz como seu chefe político e deixou de pagar impostos municipais à Câmara cratense. O jornal *O Rebate*, a partir de então, figurou como protagonista dos acontecimentos, ao incitar debates e mobilizações, divulgando opiniões e servindo como porta-voz da campanha emancipatória.

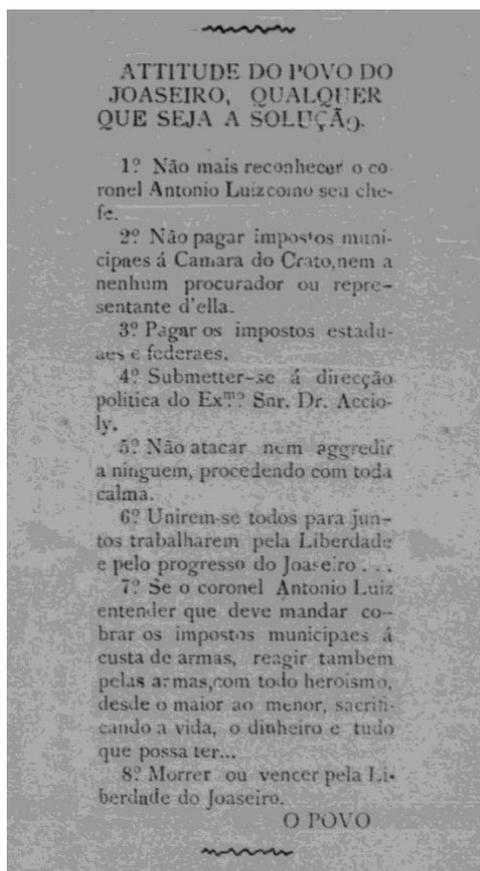


Figura 1: Boletim: Attitude do povo do Joaseiro, qualquer que seja a solução. Publicada em 04 set. 1910. (Fonte: acervo digital do pesquisador Renato Casimiro)

Ao assumir a ‘fala’ do “povo”, *O Rebate* elaborou seus sentidos a partir do lugar de fala dado por sua inscrição na sociedade. De acordo com Woitowicz (2015), O jornalismo brasileiro, na virada do século XX, construiu um espaço próprio para testemunhar os acontecimentos – seja pela opinião expressa pelos editores, seja impulsionando campanhas e definindo, por diversas vozes, as tendências e conflitos de determinados grupos sociais. O jornalismo revelou, portanto, seu papel na construção dos episódios, assumindo um caráter de oficialidade diante dos acontecimentos e figurando como mediador da vida pública do

novo momento político de Juazeiro. Tornando-se o porta-voz de tensões políticas e, de modo geral, palco de divulgação de ideias.

O embate jornalístico na disputa pelos sentidos

Dois meses depois do “grito” de independência de Juazeiro, *O Rebate* noticiou os *melhoramentos* presenciados na vila após o rompimento político com Antônio Luiz. O texto apresentado abaixo, buscou legitimar aquele manifesto, ao apresentar o crescimento vertiginoso de Juazeiro.

Foi sem aparato de armas que o povo do Joaseiro, a nítida compreensão de seu valor e de seu civismo, proclamou bem alto, com todo o desassombro, a sua emancipação política do município do Crato. / [...] É grande, e muito, a paz, a ordem, a harmonia de vistas, de sentimentos e de ideias que existe entre todos. Naturaes e romeiros cada vez mais se amalgamam e prontos estão á derriça pela manutenção de sua liberdade, dê, porém, no que der. / O Joaseiro, agora, com a sua autonomia, mais e mais progride! Augmenta, de dia para dia, consideravelmente, admiravelmente, a sua população. A sua febre de construção, ah! não cedeu ás ameaças de capitão pé-ôco [Antônio Luiz], nos primeiros dias que decorreram de sua independência, e hoje, mais que nunca, parece um delírio. / As suas feiras actualmente excedem as do Crato; são e promettem continuar a ser as maiores do Cariry. Todos esses melhoramentos que todos nós notamos, são, não há negar são devidos já a liberdade, a sua liberdade que proclamara a despeito d’um tyramente de opa bufa e como aplauso geral de todos – a liberdade de sua terra (*Melhoramento*, 06 nov. 1910, p.1).

O enunciado se destaca pela forte exaltação nas palavras e pela excessiva representação positiva de Juazeiro após o ato de 30 de agosto. O uso das palavras “paz”, “ordem”, “harmonia” e “progresso” objetivou apresentar a importância daquele acontecimento para os juazeirenses. A narrativa encontra-se no espírito positivista de Augusto Comte, o mesmo utilizado na fase de transição do regime monárquico para o republicano do Brasil. Ideal que tinha como mote a Ordem e o Progresso em benefício do bem comum, do desenvolvimento coletivo e científico de Juazeiro.

No momento em que Juazeiro exaltou seu nítido progresso, os jornalistas cratenses retomaram o processo da questão dos milagres para recrudescer as acusações contra o padre Cícero e o povoado. *O Correio do Cariry* lançou uma série de artigos intitulados de *Juazeiro dagua abaixo ou Combate ao embuste* com fortes críticas ao padre Cícero e ao distrito vizinho. Pautado pela ideia de fanatismo, considerado sinônimo de excesso, paixão e exaltação cega, características incompatíveis com a noção de civilidade e racionalidade, propagada pelos

intelectuais da cidade, o *Correio do Cariry* considerou como “justa e nobre” a campanha contra aqueles entregues “ao embuste, à mentira, ao erro, ao latrocínio [...] ao crime, as aberrações que sóem por vezes mil, solapar, aviltar, amesquinhar o mundo civilizado” (Juazeiro Dagua..., 1º dez. 1911, p.1).

Denominada como “patriótica campanha contra Juazeiro”, o *Correio do Cariry* evidenciou a presença de uma comunidade hegemônica que perpassa os ideais republicanos. Esses argumentos, baseados nos sentimentos de dever, civismo, ordem e patriotismo, legitima um discurso e cria uma oposição entre um nós (civilizado, representado pelas virtudes intelectuais) e um eles (formado por fanáticos, não-patrióticos). Essa oposição (nós/eles) é definida por Woodward (2007) como fundamental para compreender o processo de construção cultural das identidades. Para a autora, “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (Woodward, 2007, p.40), e, essa diferença, pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os “Outros”, ou nesse caso, os fanáticos de Juazeiro.

Assim, os jornalistas cratenses ressurgiram no campo do debate com a estratégia de rememorar a imagem de comunidade fanática, construída após os fenômenos religiosos de 1889, buscando, dessa maneira, desestabilizar a ideia de progresso dos vizinhos. Segundo eles, uma cidade atrasada intelectual e fanática não teria condições de progredir. Esse discurso, de acordo com Woitowicz (2015), condenando as formas de cultura e religiosidade populares, foi típico do jornalismo praticado após a instauração do regime republicano. Os jornais tornaram-se o porta-voz do discurso científico no processo de (re)construção da nação (logo após a abolição da escravatura e queda do Império), na tentativa de igualar a jovem nação aos países considerados civilizados.

É importante destacar que, os jornais analisados fomentaram um ambiente excludente entre as localidades, especialmente o *Correio do Cariry* e sua segmentação entre nós/eles. Em nenhum momento houve uma tentativa de fortalecer uma identidade unificada, já que Juazeiro era uma comarca do Crato. Ser cratense era não ser juazeirense e vice-versa. Reiteramos que, essa segmentação originou-se a partir do milagre da hóstia de 1889, por meio do alta hierarquia da Igreja Católica cearense e cratense. Todavia, aquelas representações ultrapassaram o campo religioso e foram também inspiradas no discurso jornalístico da nova centúria, manipulado e monopolizado por uma restrita, mas dominante, elite letrada do Crato. Era necessário, portanto, na perspectiva do *Correio*, combater aquela terra marginalizada...

Foco das mais reprováveis irregularidades, uma nódoa negra a manchar o céu da civilização brasileira, um teatro de vis explorações, cuja peça exclusiva levada quotidianamente em cena para ilaquear a boa fé dos encantos, é a *santidade do padre Cícero*, representada por *Tartufo* com eximia habilidade, mas não tanta que não deixe trair o sórdido interesse, emanado da *auri sacra fames* que devora o *sagrado* espirito de S. Revma (Juazeiro Dagua..., 1º dez. 1911, p.1).

Ao resgatar a ideia de comunidade fanática, originária na última década do século XIX, o *Correio* deixou clara a estratégia a ser utilizada para deslegitimar a campanha de emancipação de Juazeiro. Ao representar o povoado como uma “terra de embusteiros”, cidadela de “sectarismo e fanatismo” e ameaçador da ordem moral, o enunciador pretendeu dissipar a ideia de progresso dos vizinhos. Essa representação, assemelha-se aos conceitos de Silva (2007) no processo de produção identitária, no qual, de um lado, há aqueles que buscam estabilizar sua identidade (Juazeiro), e, do outro, há aqueles que buscam subvertê-los e desestabilizá-los (Crato).

Outra estratégia do *Correio* foi demonstrar que o considerado “foro da barbárie” fixado em Juazeiro é decorrência da má administração do padre Cícero. Ao emitir um série de juízo de valores que qualificaram o religioso negativamente, o jornalista acusa-o de “enganar (*tartufo*)” o povo romeiro, utilizando-os para fomentar sua “*insaciável busca por riqueza (auri sacra fames)*”. O sacerdote foi descrito como um “vampiro” daquela população, no qual “suga-lhe os dinheiros, e por sobre tudo, implantando a anarquia, a desordem naquela infeliz terra, digna de uma sorte melhor” (Juazeiro Dagua..., 1º dez. 1911, p.1).

As representações de cunho negativo ao padre Cícero não foram emanadas gratuitamente. Apesar do seu prestígio em Juazeiro e na região do Cariri, representá-lo de forma negativa poderia facilitar os planos do coronel Antônio Luiz. Uma vez que, com Cícero derrotado a campanha pela emancipação de Juazeiro enfraqueceria de uma vez por todas. Diante disso, o jornalista empregou o argumento *ad persona*¹³ (PERELEMAN; TYTECA, 2005), consolidando um ataque ao sacerdote, ao emitir uma série de críticas morais e éticas.

Inimigos do povo de Juazeiro não somos e nem podemos sel-o, quando somos duas vitimas, *nós* e aquelle povo, das lábias e capeiosidade do Sr. Padre Cícero que atraz da capa de bom, de santo, de espírito ordeiro e pacificador, ozenita o seu lado

¹³ De acordo com Perelman e Tyteca (2005, p. 126) o argumento *ad persona* está associado a um ataque contra a pessoa do adversário, que visa, essencialmente, desqualificá-lo. Trata-se de um acordo retórico que se apoia na opinião do público sobre o ideal de moralidade, honestidade e equidade.

verdadeiro, máu, hypocrita, desordeiro, ganancioso e mais que *tudo insultador das honras, pois si directamente não é quem faz, manda, que é pior ainda, o seu laçao padre Joaquim Peixoto trazer de roldão as pessoas mais gradas desta terra, chegando por ultimo as farpas de seus insultos até as próprias autoridades* (Interessante!, 1º jan. 1911, p.2).

Outra estratégia utilizada pelos redatores cratenses foi condenar o perfil de moradores que chegavam a Juazeiro. É importante ressaltar que o universo de seguidores do padre Cícero, de acordo com Barros (1988), era formado não somente de homens de bons costumes, mas de criminosos foragidos, bandidos e cangaceiros legendários na história do banditismo e do cangaço no Nordeste. Esses seguidores, para Cortez (2000), fizeram surgir na intelectualidade cratense, afeita ao modelo de estética social pautado nos cânones da civilização e do cientificismo, um imaginário do terror acerca do Juazeiro. Para eles, a aliança entre o sacerdote e os cangaceiros transformaria o povoado em um “theatro de scenas vergonhasas” (Alea Jacta Est., 08 jan. 1911, p.2).

Compreendia-se que a ordem pública das cidades da região estava ameaçada pela presença daqueles “malfeitores”, cujo histórico contemplava todos os tipos de crime contra a vida, a propriedade, a honra e os costumes. Através do argumento pragmático¹⁴ (Perelman; Tyteca, 2005), o articulista chamou atenção para as possíveis consequências daquela aliança que poderia culminar na invasão de cangaceiros ao Crato, como anunciado no artigo *Alea Jacta Est* (traduzindo do latim *A sorte está lançada*): “Cercado de cangaceiros, S. Rvdma [padre Cícero] ameaça engulir o Crato, proclamando-se, de viseira erguida, um chefe de bando armado, um despota que pisa a lei, um tyranno que almeja vidas” (Alea Jacta Est., 08 jan. 1911, p.2).

Para barrar a ideia de trabalho e progresso divulgada pelos vizinhos, o *Correio* comentou-se sobre o “progresso” do povoado de Juazeiro para tornar-se uma nova Sodoma.

O Juazeiro trabalha inegavelmente para accentuar dia a dia os foros de uma segunda Sodoma. / Como a velha cidade da Palestina que as lavras enguliram pelas torpezas, iniquidades, corrupção e desregramento de seus habitantes, a *villa* do sr. Cícero, caminhando *pari-passu* para o mesmo fim, parece desde já lançar um desafio à triste história da sua, mais triste ainda, similar. / Não é de hoje nem de hontem a somma incalculável dos crimes de que é scenario aquella terra,

¹⁴ De acordo com Perelman e Tyteca (2005, p. 303), o **argumento pragmático** está inserido nas modalidades retóricas dos argumentos baseado na estrutura do real, que apoiam-se na experiência e estabelecem um acordo com o público ao basear-se em elementos reconhecidos como fatos, verdades e presunções. O argumento pragmático caracteriza-se por apreciar um ato ou acontecimento consoante suas consequência, presente ou futuras, favoráveis ou desfavoráveis.

appellidada Terra Santa, para mais facilmente engordar a boa fé dos homens que a olhavam como um latibulo de fanático, nunca como um velhocouto de bandidos (Nova Sodoma, 12 fev. 1911, p.1).

O articulista buscou deslegitimar a ideia de independência de Juazeiro, mostrando-a como uma sociedade atrasada, criando um efeito psicológico desmoralizador, desarticulador e até amedrontador para a região. Ao transmitir os sentidos negativos da lenda judaica das cidades de Sodoma e Gamorra, o jornal propôs retratar o povoado vizinho como um lugarejo que prejudicava a estabilidade social do Cariri e, por esse motivo, não poderia conquistar sua emancipação política.

Além de enfatizar as diferenças sociais, o jornal responsabilizou o padre Cícero pelo crescimento da barbárie em Juazeiro. Criando um ambiente que colocava em risco a estabilidade político-social do Cariri.

Sr. Cicero que repoltroneado em ricas ottomanas, *impera, vive e reina* com todo o absolutismo de um mandarim ou de um Nero. [...] além de chamar a si, sem causa que o justifique, essas hordas de maltrapilhos dos Estados visinhos e alimentar-lhes a cegueira fanática impinginfo-se SANTO, DEUS, quando péssimo mortal é apenas neste mundo, quebrou a chancell da lei, desrespeitou as autoridades, armando criminosamente o seu braço que um dia há de cahir no peso de tanta vaidade e orgulho sem força mais, ao menos, para estirar-se e receber as engordas que lhe dão para a padroeira de sua terra a quem, claramente lesa, mettendo tudo em seu bissaco (Nova Sodoma, 12 fev. 1911, p.1).

O discurso cratense se fundamentou, novamente, na apresentação da diferença cultural e na legitimação de estereótipos¹⁵ para com o ‘povo romeiro’, desenvolvendo uma forma de antagonismo social. Uma argumentação baseada na ameaça iminente dos vizinhos que transformaram o outrora povoado de Juazeiro na “mystica Ciceropolis [igualando-se] a Sodoma, [e] tendo já ultrapassado os limites de uma Gomorra que na devassidão dos costumes moraes esteve sempre muito aquém de sua irmã de castigo” (Nova Sodoma, 12 fev. 1911, p.1). Do outro lado, os juazeirenses buscavam estratégias para contrapor o jornal cratense. Além de legitimar a posição do povoado como vila independente, por meio da

¹⁵ De acordo com Bhabha (1998, p.117), O estereótipo é uma falsa representação de uma dada realidade. Uma forma presa fixa, de representação que, ao negar o jogo do diferença, constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. Em seu discurso, o *Correio* habituou-se em representar os romeiros de Juazeiro como forasteiros maltrapilhos, esfomeados e alimentados pela cegueira do fanatismo.

ideia de pujança econômica, *O Rebate* responsabilizou Antônio Luiz pela tensão política entre as duas localidades.

A razão principal de toda essa inimizade tamanha a rebentar-se, agora, mais do que nunca, em catadupas de insultos, calúnias e infâmias que, através d'um depravado... o fracalhão do Tubiba [Raul de Carvalho], são assacadas à personalidade de um sacerdote de Jesus Christo [padre Cícero], como se vê dos últimos números do *Correio do Cariry*; [...] é ter, como sabem todos os habitantes d'esta zona, o povo do Joazeiro proclamado a sua independência do município do Crato, e ter ele, o tal *Antônio Luiz Pequeno*, ficado sem a *mamata*, nunca menos de 30 contos de réis, que d'aqui annualmente corriam para o abysmo sem fundo de sua bolsa (Como Classificar, 22 jan. 1911, p.3).

Os argumentos de *O Rebate* foram construídos com a finalidade de desqualificar a política de Antônio Luiz, classificada como “detestável, mesquinha, egoísta e toupeira” (Joaseiro, 29 maio. 1910, p.1). Uma das apreciações contra o coronel foi a publicação de uma série de clichês (Figura 2), espécie de xilogravura, que representavam o público condenando os atos do intendente do Crato. O *Boletim Caricata* representou o Antônio Luiz em quatro atos.



Figura 2: Série “Boletim Caricata” publicados entre 02 e 07 de janeiro de 1911.

(Fonte: acervo digital do pesquisador Renato Casimiro.)

Da esquerda para a direita, a primeira imagem representa Antônio Luiz sendo estrangulado pelo público; a segunda, sendo trinchado; a terceira, seus restos são deixados como alimento para urubus; e, por fim, na quarta, sua alma é levada para o inferno por “satanás”. Essas representações negativas evidenciam a desmoralização do adversário

(Antônio Luiz) na perspectiva de desqualificar moralmente sua personalidade política, característica que assemelha-se ao argumento *ad persona* (Perelman; Tyteca, 2005).

Para *O Rebate*, todo o imbróglio político entre Crato e Juazeiro causou a derrocada moral de Antônio Luiz. “Um homem desmoralizado, aniquilado é um homem moralmente morto para a sociedade, para a política” (Fatuidade..., 30 out. 1910, p.1), cujo o único recurso de salvação seria, na percepção de *O Rebate*, “renunciar a chefia do Crato” (Entre a parede..., 16 out. 1910, p.1). A representação da “morte” de Antônio Luiz traduziu a intensidade de aludir o fim do chefe cratense e desqualificar sua administração política, incapaz de guiar e manter a ordem na região, marcada por fortes contendidas.

As constantes críticas dos articulistas cratenses aos romeiros e ao padre Cícero, seriam arduamente combatidas por Floro Bartolomeu da Costa. Em sua série de artigos *De água abaixo, não irá o Joazeiro* e em outros publicados pelo semanário, o médico saiu em defesa dos *juazeirenses*: “povo, que só trabalha cheio de fé, pela elevação da nossa religião, guiado pela segura orientação do virtuoso padre Cícero [...] povo nobre, que só tem o defeito de crer fervorosamente em Deus, e não revoltar-se contra agressões tão covardes” (Olho por olho..., 12 set. 1909, p.1); dos *romeiros*: “se não fosse a existência do romeiros – o elemento produtor d’essas zonas, concentrando suas energias em prol do desenvolvimento material, conseqüentemente teríamos o sinistro predomínio do cangaceiro – o elemento destruidor” (Efeitos..., 12 set. 1909, p.1); e, do *padre Cícero* “que só se esforça para beneficiar os miseráveis [...] sustenta grande número de famílias, zelando-as na saúde, na moléstia (idem, 12 set. 1909, p.1). De acordo com Barros (1988, p. 259), o padre Cícero encaminhou muitos romeiros aos campos inexplorados do Cariri, “recomendando-lhes que aforassem, arrendassem e comprassem aquelas terras e ali vivessem sob sua proteção espiritual”. Para a autora, foi a partir dessa ocupação das terras caririrenses que os romeiros afloraram à estrutura socioeconômica da região através da agricultura.

Outra característica d’*O Rebate* foi fomentar a participação popular nas suas páginas por meio de abaixo-assinados contra as publicações dos vizinhos, especialmente aquelas de cunho negativo destinadas ao padre Cícero, responsável pelo crescimento repentino da pequena vila no final do século XIX. Os manifestos, publicados entre janeiro e fevereiro de 1911, em cinco edições, veicularam 923 assinaturas de moradores residentes em Juazeiro.

É um protesto nobre e altivo espontaneamente por nós [naturais e romeiros] feito e de real importancia, porque, além de ser d’uma população inteira, não poderá, nem será contra-protestado por nenhuma outra localidade. [...] O Reverendissimo Padre Cícero é o ‘nosso único e verdadeiro amigo’ e a sombra de sua sincera

amidade é que a felicidade nos tem sorrido, até em a nossa própria dor. Contra o seu nome augusto nada temos que dizer, não cometendo o maior dos crimes – a ingratidão; entretanto à favor de seu nome imáculo, na defesa de sua pessoa empenhamos todos os nossos bens, todas as nossas forças, todas as nossas energias e até a nossa própria vida (Protesto, 08 jan. 1911, p.3).

O manifesto juazeirense repercutiu na região e ganhou o apoio de municípios vizinhos. Missão Velha e Milagre manifestaram apoio à causa também por meio de abaixo-assinados. Somando os manifestos de Juazeiro, Missão Velha e Milagres, foram veiculados 1.257 assinaturas contra as publicações do jornal cratense.

O ato político de 30 de agosto, juntamente com o protagonismo de *O Rebate* na campanha emancipacionista, modificou a relação político-social entre Juazeiro e Crato. A ameaça da batalha impressa se transformar em ataque armado perdurou por meses. Porém, em 18 de fevereiro, personalidades políticas e comerciais do Crato e de Juazeiro firmaram um acordo de paz. O Crato não iria mais se opor a emancipação política de Juazeiro e a guerra editorial entre *Correio do Cariry* e *O Rebate* chegou ao fim. Cinco meses depois, em 22 de julho de 1991, Juazeiro é oficializada como vila independente na Assembleia Legislativa do Ceará, por meio da Lei 1.028.

Considerações Finais

As páginas do *Correio do Cariry* e *O Rebate* nos revelaram a dinâmica de interação entre a linguagem, acontecimento e produção de sentidos durante o período de discussão em torno da campanha emancipacionista do até então povoado de Juazeiro entre os anos de 1910 e 1911. Esses jornais atuaram diretamente no debate político entre Crato e Juazeiro, ao construir um discurso de si, do grupo que representavam, e do outro, do grupo opositor. Ao defrontarmos com os jornais, percebemos que os textos mantinham irrestritas relações com o contexto sociopolítico em que atuavam. Por isso, pareceu-nos indispensável o tratamento de questões relevantes ao cenário político e social da época: como a religiosidade (Milagre da hóstia de 1889); a política (advento do regime Republicano); e, questões sociais (a partir da migração de sertanejos ao povoado de Juazeiro). Cada um desses cenários, foram trabalhados pelos periódicos a partir de enfoques e motivações específicas, constituindo uma maneira particular de “dizer” e “construir” a realidade. Tomando como base os conceitos de Woodward (2007) e Bhabha (1998), consideramos o sangramento da hóstia de 1889, ocorrido no povoado de Juazeiro, o marco fundante da diferença entre cratenses e juazeirenses. A eclosão do fenômeno de Juazeiro em torno da figura do padre

Cícero e as questões políticas e sócio religiosas que se seguiram, alimentaram a lógica de contraste entre Crato e Juazeiro, atribuindo à primeira o foro da civilidade e à segunda o foro da barbárie.

É interessante notar que o embate entre *Correio* e *Rebate* aliou os traços das primeiras discursões políticas impressas do país. Assim como o jornalismo praticado no Brasil Império, a refrega entre Crato e Juazeiro elevou a campanha emancipatória, seja contra ou a favor de Juazeiro, para o campo insultuoso. Palavrões, ataques pessoais, descrições deturpadas de aspectos morais ou físicos dos personagens, envolvidos na discussão, constituíram uma verdadeira artilharia verbal entre os jornais antagônicos.

Apesar do jornalismo brasileiro está vivenciando sua fase de transição, saindo do caráter político para o informativo, no final do século XIX. As cidades interioranas não seguiram os passos de modernização das grandes cidades e permaneceram com as características do jornalismo partidário, divulgando os anseios e ideais de um partido ou grupo político. Foi nesse contexto que analisamos o *Correio* e o *Rebate*, que tornaram-se mobilizadores das tensões do momento político vigente no Cariri na primeira década do século XX.

Os jornais foram os catalisadores na construção identitária do povoado de Juazeiro. Expuseram a ideologia de seus superiores e protagonizaram um embate que foi muito além do cunho político. A imagem social e política criada pelo *Correio do Cariry* e *O Rebate* ao distrito de Juazeiro representou uma constante disputa pelo poder. Um embate discursivo entre a identidade hegemônica, dita culta, e a subalterna, dita fanática, que apresentou uma Juazeiro por olhares distintos. Em complexo ritual discursivo que atuava para desmoralizar, invalidar e combater seus rivais, característica típica do estilo jornalístico regional do período, marcado por uma linguagem combativa, verificada pelo uso abusivo de adjetivos e ironias para reforçar um determinado ponto de vista.

Obras citadas

- Barros, L. O. C. (1988) *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/INL.
- Bhabha, H. K. (1998) *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Cortez, A. O, de O. (2000) *A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)*. 211 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Dantas, R. (2012) Os romeiros e o Espaço sagrado de Juazeiro em busca da autonomia política. In: *Padre Cicero Romão Baptista e os dados do Joaseiro: autonomia político-administrativa*. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, organizadora. – Fortaleza: Editora Senac Ceará.

- Della Cava, R. (1976) *Milagre em Joazeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hall, S. (1999) A produção social das notícias: o mugging nos media. In: Traquina, Nelson (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, pp.224-248.
- Hall, S. (2007) Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, pp.103-133.
- Lustosa, I. (2000) *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nobre, E. S. (2011) *O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898)*. Fortaleza, CE: IMEPH/UFC.
- Nobre, G. Da S. (2006). *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc.
- Oliveira, A. X. de. (2001) *O Padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte*. Fortaleza – Ceará: Premius.
- Perelman, C. & Olbrechts-Tyteca, L. (2005) *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- Ribeiro, A. P. G. (2007) *A imprensa da independência e do primeiro reinado: alguns apontamentos*. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 5., Universidade Federal de Sergipe - 15 a 17 de novembro de 2007.
- Simonetti Jr, J. C. (2000) *Jornalismo e Identidade: uma abordagem discursiva*. Texto apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande/ MS.
- Strelow, A. (2010) Reflexões sobre métodos de pesquisa em Jornalismo e uma proposta oriunda do campo. In: BRAGA, José Luiz, et. al (orgs.). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Silva, T. T. Da (Org.). (2007) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, pp.73-102.
- Traquina, N. (2001) *O Estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: UNISINOS.
- Woitowicz, K. J. (2015) *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)*. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- Woodward, K. (2007) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, pp.7-72.

Jornais históricos

- Correio do Cariry* (1911) 'Juazeiro dagua abaixo ou Combate ao embuste', 1º jan. 1911, p.1.
- Correio do Cariry* (1911) 'Interessante!', 1º de jan. de 1911, p.2.
- Correio do Cariry* (1911) 'Alea Jacta Est', 08 de jan. de 1911, p.2.
- Correio do Cariry* (1911) 'Nova Sodoma', 12 de fev. de 1911, p.1.

O Rebate (1909) 'Olho por olho – dente por dente', 12 de set. de 1909, p.1.

O Rebate (1909) 'Efeitos da imprudência', 12 de set. de 1909, p.1.

O Rebate (1909) 'Justa defesa', 29 de set. de 1909, p.3.

O Rebate (1910) 'Joaseiro', 29 de maio de 1910, p.1.

O Rebate (1910) 'Attitude do povo do Joaseiro, qualquer que seja a solução', 04 de set. de 1910, p.2.

O Rebate (1910) 'Entre a parede e a espada', 16 de out. de 1910, p.1.

O Rebate (1910) 'Fatuidade? Estupidez ou loucura?', 30 de out. de 1910, p.1.

O Rebate (1910) 'Melhoramento', 06 nov. 1910, p.1.

O Rebate (1911) 'Protesto', 08 jan. 1911, p.3.

O Rebate (1911) 'Como classificar', 22 de jan. de 191